

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v18i31.831>

“EM TODA PARTE SÓ SE OUVIA FALAR EM MORTE”: a gripe espanhola no Cariri (1918-1919)¹

“EVERYWHERE YOU ONLY HEARD OF DEATH”: the Spanish influenza in Cariri (1918-1919)

“EN TODAS PARTES SOLO SE ESCUCHA HABLAR EN MUERTE”: la gripe española en Cariri (1918-1919)

MARIA DE FÁTIMA MORAIS PINHO

Doutora em História (Universidade Federal Fluminense)

Professor da Universidade Regional do Cariri

Crato, Ceará, Brasil

fatima.pinho@urca.br

JUCIELDO FERREIRA ALEXANDRE

Doutor em História (Universidade Federal Fluminense)

Professor da Universidade Federal do Cariri

Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil

jucieldo.alexandre@ufca.edu.br

Resumo: Inspirando-se na “Historiografia das Doenças”, analisamos a pandemia de gripe espanhola no Ceará, com foco na região do Cariri. A influenza tem chamado atenção de historiadores brasileiros nas últimas décadas. Todavia, as pesquisas acabaram privilegiando as capitais e grandes cidades, pouco discorrendo sobre a ação da epidemia no interior do país. Através de registros paroquiais, jornais, relatos memorialísticos, documentos oficiais e outras fontes, buscamos lançar luz sobre o sertão cearense durante o espetáculo macabro da “bailarina”.

Palavras-chave: Historiografia das doenças. Gripe espanhola. Cariri cearense.

Abstract: Based on the “Historiography of Diseases”, we analyze the Spanish Flu pandemic in Ceará, focused on the Cariri region. The influenza has aroused the attention of Brazilian historians in recent decades. However, research ends up privileging capitals and large cities, discoursing very little on the action of this epidemic in the country’s interior. Through parish registers, newspapers, reports of memoirs, official documents and other sources, we aim to shed light on the sertão cearense during the macabre performance of the “dancer”.

Keywords: Historiography of diseases. Spanish influenza. Cearense Cariri.

Resumen: Inspirado en la “Historiografía de enfermedades”, analizamos la pandemia de gripe española en Ceará, centrándonos en la región de Cariri. La influenza ha atraído la atención de los historiadores brasileños en las últimas décadas. Sin embargo, la investigación terminó privilegiando las capitales y las grandes ciudades, con poca discusión sobre la acción de la epidemia en el interior del país. A través de los registros parroquiales, periódicos, informes conmemorativos, documentos oficiales y otras fuentes, buscamos arrojar luz sobre las tierras de Ceará durante el macabro espectáculo de la “bailarina”.

Palabras clave: Historiografía de enfermedades. Gripe española. Cariri de Ceará.

¹ Artigo submetido à avaliação em agosto de 2020 e aprovado para publicação em dezembro de 2020.

Epidemias e história

Em ensaio recente, a antropóloga e historiadora Lilia Schwarcz – inspirada nas considerações de Erick Hobsbawm sobre o “longo século XIX”² – afirmou que a pandemia de Covid-19 assinalaria o início do século XXI. Na opinião da autora, o coronavírus pôs em xeque a “utopia tecnológica” do novecentos, a “marcha desenfreada pela tecnologia” a custo do esgotamento do planeta. Neste sentido, a pandemia seria um marco: “começamos a nos despedir, tristemente, da utopia do século XX. Bem-vindo ao século XXI”³.

De fato, 2020 ficará assinalado na história. O mundo experimenta dias dramáticos causados por seres invisíveis que contribuem de forma impactante para desnudar as contradições de um modelo de sociedade tecnológica, globalizada, desigual, destruidora de recursos naturais e do Estado de bem-estar social ao qual estávamos acostumados. Tempo marcado por incertezas, medo, cenas comoventes nos hospitais e cemitérios, dilemas entre o isolamento social e interesses econômicos, risco de colapso dos sistemas de saúde, árdua e incessante busca da Ciência por respostas eficazes a curto e médio prazo numa era de negacionismos flagrantes, assim como pela ação titubeante das autoridades públicas em momento no qual bons estadistas fazem muita falta.

Os dramas expostos pela covid-19 lembram outros vividos no passado e estudados pela “historiografia das doenças”, campo de estudo que ganhou espaço nas últimas décadas do século XX, no âmbito de um profícuo diálogo da História com outras áreas do conhecimento. Sob a perspectiva da historiografia das doenças, as enfermidades devem ser analisadas como fenômenos que ultrapassam a esfera do “natural”, pois são vivenciadas a partir de diferentes contextos e espaços, sendo interpretadas socioculturalmente pelos sujeitos históricos a buscarem múltiplas representações e práticas no intuito de lhes dar algum sentido. Assim, a “doença não pode ser reduzida a um processo fisiopatológico unidimensional”, pois, seja qual for a sua “base biológica”, uma moléstia é, também, “socialmente construída, enquadrada por uma configuração particular de necessidades, percepções e expectativas”⁴.

Entre as pesquisas dedicadas às doenças, as epidemias ganharam destaque. Eventos extraordinários, disruptivos, tensos e de forte impacto social, os surtos epidêmicos são comumente tidos como “pestes” – metáfora do “que pode haver de pior em termos de calamidades e males coletivos”⁵ – e oferecem oportunidades férteis aos historiadores. Com

² HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 7.

³ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Quando acaba o século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. *e-book*.

⁴ ROSENBERG, Charles E. *The cholera years: The United States in 1832, 1849, and 1866*. Chicago: University of Chicago Press, 1987. p. 293.

⁵ SONTAG, Susan. *Doença como metáfora/AIDS e suas metáforas*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007. p. 112.

fronteiras definidas no tempo e no espaço, elas são “episódios de existência breve, mas intensa e arrebatadora”⁶, representando uma espécie de “drama”, na concepção de Rosenberg, ao encenar “padrões tradicionais de resposta à uma ameaça percebida”⁷. Os estudos vêm demonstrando como epidemias impactaram, significativamente, diferentes sociedades e temporalidades, lançando luzes sobre as ideologias e mentalidades das sociedades em que tais eventos se manifestaram e, ao mesmo tempo, ajudando a entender outros fenômenos do tipo⁸.

Inspirado na conjuntura atual, em decorrência do novo coronavírus, e na produção historiográfica dedicada aos fenômenos epidêmicos, este artigo trata de uma das pandemias mais impactantes da história humana: a influenza ou gripe espanhola de 1918. Como recorte espacial, trataremos do Ceará, com destaque para o Cariri, região onde a doença causou diversas mortes. Através de jornais, documentos oficiais, relatos memorialísticos e, especialmente, registros paroquiais de óbito, construímos o texto na esperança de ajudar a vislumbrar momentos dramáticos da história do Ceará, ainda não estudados pelos historiadores.

Importa destacar, ainda, a existência de um número considerável de estudos dedicados à gripe espanhola no Brasil. Contudo, a produção historiográfica centra-se na análise dos efeitos da pandemia nas capitais e grandes centros urbanos, pouco informando sobre como o interior dos estados brasileiros sofreu com a “bailarina”. Neste sentido, ao indicar os feitos da influenza espanhola no sertão cearense, o artigo contribui para romper o silenciamento sobre as experiências de milhares de sujeitos históricos durante a crise epidêmica.

Uma “gripe” mortal: a influenza espanhola

Doença corriqueira em mamíferos e aves, a influenza, ou gripe, tem alto grau de contágio. Malgrado isso, como demonstram Anny Silveira e Dilene Nascimento, entre humanos a enfermidade é frequentemente descrita como branda, apesar do potencial de

⁶ NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. A doença revelando a história. In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO, Diana Maul de (org.). *Uma história brasileira das doenças*. Brasília: Paralelo 15, 2004. p. 24.

⁷ Rosenberg utilizou a metáfora dramática para indicar tendências de respostas comuns – guardadas as especificidades próprias de cada evento – em diferentes localidades atacadas por epidemias. Uma espécie de sequência de “atos” em que médicos, autoridades públicas e os diferentes grupos sociais encenam papéis no drama, indiciando o padrão teatral dos surtos epidêmicos: “As epidemias começam em um momento no tempo, prosseguem em estágio limitado e duração, seguido uma trama de tensão crescente e reveladora, movem-se para uma crise de caráter individual e coletivo e depois se aproximam do fechamento”. ROSENBERG, Charles E. *Explaining epidemics and other studies in the history of medicine*. Cambridge: University Press, 1992. p. 279.

⁸ SLACK, Paul. Introduction. In: SLACK, Paul; RANGER, Terence (org.). *Epidemics and ideas: essays on the historical perception of pestilences*. Cambridge: University Press, 1992. p. 3.

letalidade entre crianças e idosos⁹. Com alta capacidade de mutação, o vírus passa por recombinações genéticas, alterando “detalhes de sua estrutura química em intervalos frequentes”¹⁰, gerando novas cepas, pondo em xeque a duração da imunidade adquirida anteriormente pelos hospedeiros humanos e a eficiência das vacinas por tempo alongado.

As novas variantes, por outro lado, geram a possibilidade do estouro de epidemias com taxas de infecção e mortalidade altas, difíceis de controlar. Nesse sentido, a letalidade manifestada em 1918 é exemplar. Não por acaso, a “espanhola” é a “mãe de todas as pandemias de gripe que irromperam desde aquela época”, pois está na origem das gripes de tipo A, como a H1N1, de 2009, que “matou mais crianças e adultos jovens do que uma cepa comum”, sendo responsável, no Brasil, pela contaminação de 27.850 pessoas e 1.632 óbitos¹¹.

Segundo o biólogo Atila Iamarino, especializado em microbiologia e doutor em virologia, a gripe espanhola foi a primeira pandemia moderna, visto ter acontecido “[...] quando a humanidade tinha transporte, tinha interligação mundial, todos se comunicavam, trocavam conhecimento e vírus”¹². O surgimento de novas cepas de vírus e a conjuntura internacional do fim da Primeira Guerra Mundial, com a circulação internacional de tropas, as péssimas condições higiênicas nos frentes de batalha e o avanço tecnológico nos transportes – a encurtar significativamente o tempo das viagens internacionais e intranacionais – criaram as condições ideais para o rápido espalhamento da doença. Assim ocorreu a “pior pandemia de todos os tempos”¹³, infectando 500 milhões de pessoas, o equivalente a 1/3 da população do planeta à época¹⁴. O cálculo da mortalidade não é consensual, variando entre 20 milhões¹⁵ e 100 milhões de pessoas¹⁶.

No Brasil, a gripe espanhola não tardou a agir. A partir de junho de 1918 a imprensa carioca começou a noticiar o alastramento da epidemia na Europa, sobretudo nas tropas inglesas, belgas, alemãs e holandesas. De início, os jornais classificavam a doença

⁹ NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. Epidemias do século XX: gripe espanhola e aids. In: TEIXEIRA, Luiz Antonio; PIMENTA, Tânia Salgado; HOCHMAN, Gilberto (org.). *História da saúde no Brasil*. São Paulo: Hucitec Editora, 2018. p. 294.

¹⁰ MCNEILL, Willian. H. *Plagues and peoples*. New York: Anchor Press, 1976. p. 292.

¹¹ SOUZA, Christiane Maria Cruz de. Sob o império da doença: a epidemia de gripe espanhola na Bahia. In: FRANCO, Sebastião Pimentel; NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; MACIEL, Ethel Leonor Noia (org.). *Uma história brasileira das doenças*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2016. v. 4. p. 220-221.

¹² IAMARINO, Atila. A ciência da covid-19. *Café Filosófico CPFL – Fique em casa*. TV Cultura/Instituto CPFL. YouTube. 28 maio 2020. 50min51s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yd9I_5Vz2R0&t=19s Acesso em: 31 jul. 2020.

¹³ PORTER, Roy. *Das tripas coração: uma breve história da medicina*. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 33.

¹⁴ SOUZA, op. cit., p. 219.

¹⁵ MCNEILL, op. cit., p. 292.

¹⁶ SOUZA, op. cit., p. 219.

como “febre de Flandres”¹⁷, mas logo passou a ser relacionada à Espanha¹⁸. Em setembro, a imprensa estampava nas suas capas os primeiros casos de doentes e mortos brasileiros: “A ‘influenza espanhola’ a bordo da esquadra brasileira”¹⁹.

Desde fins de 1917 o Brasil estava oficialmente em guerra com a Alemanha. Criada em julho de 1918, a Missão Médica Brasileira tinha como propósito “auxiliar o serviço de saúde dos aliados [mantendo] um hospital temporário na zona de guerra”²⁰. Tendo como destino a França, a esquadra brasileira fez uma escala no porto de Dacar, no Senegal, no começo de setembro, quando foram registrados os primeiros casos da doença entre a tripulação, vitimando alguns médicos, engenheiros e marinheiros.

Após atingir a Missão Brasileira, a doença não demorou a aportar no Brasil, em setembro. Partindo de Liverpool, o navio *Demerara* fez escalas em Lisboa e Dacar, ancorando, na sequência, em 9 de setembro no porto de Recife, onde desembarcaram 72 passageiros. Segundo notícia do *Jornal de Recife*, ao aportar na capital pernambucana, duas senhoras vêm a óbito em decorrência da epidemia²¹. De lá, seguiu viagem para Salvador e, em seguida, para o Rio de Janeiro. Nesse último trajeto, seis pessoas morrem a bordo do navio, a última, inclusive, já nas águas da Guanabara²².

A partir da passagem do *Demerara* por Recife, Salvador e Rio de Janeiro, a espanhola espalhou-se pelo território brasileiro, avançando por via marítima, linhas de ferro e

¹⁷ *O Paiz*, n. 12315, 29 jun. 1918, p. 1.

¹⁸ Os primeiros casos da doença deram-se nos Estados Unidos, em março de 1918, quando operários da Ford Motor Company, em Detroit, e soldados da Base Militar de Fort Riley foram hospitalizados após apresentarem “sintomas parecidos com uma gripe comum”. SOUZA, op. cit., p. 220. O encontro das tropas americanas com as respectivas forças europeias e africanas, envolvidas na Primeira Guerra, no norte da França, “proporcionaram o meio para o surgimento” da pandemia. MCNEILL, op. cit., p. 292. Não obstante a estreia norte-americana, a neutralidade da Espanha no conflito bélico acabou por propiciar a identificação da doença com o país. A censura existente na imprensa das nações conflagradas escondeu os casos de infecção e os óbitos ocorridos, enquanto os jornais espanhóis registraram de forma mais aberta a crise sanitária. Dessa forma, entre as muitas denominações engendradas em diferentes lugares para se referir à doença – “febre dos três dias” e “morte púrpura” (Estados Unidos), “bronquite purulenta” (França), “febre das moscas de areia” e “febre de Flandres” (Itália), “la dançarina” (Espanha) e “pneumônica” (Portugal) –, a pandemia acabou internacionalmente conhecida como “gripe espanhola” ou “influenza espanhola”. SOUZA, op. cit., p. 219.

¹⁹ *A Época*, n. 2261, 1918, p. 1.

²⁰ BERTUCCI, op. cit., p. 182.

²¹ *Jornal de Recife*, n. 249, 10 set. 1918, p. 2.

²² Em 15 de setembro, a embarcação inglesa aporta no Rio de Janeiro. A imprensa, que já vinha noticiando os efeitos da epidemia mortal na Europa, denunciava: “O ‘Demerara’, chegou trazendo muitas novidades: 10 pessoas mortas pela epidemia conhecida pelo nome de ‘bailarina’”. *A Época*, n. 2254, 16 set. 1918, p. 2. Matéria do jornal *A Época*, informava: “Entrou ontem no porto da Guanabara o pacote ‘Demerara’, da Royal Mail, cuja viagem até este porto foi penosíssima [...] com 597 passageiros, sendo 367 do Rio, dos quais 59 em 1ª classe, 23 em 2ª classe e 285 em 3ª”. O jornal revelava: “[...] a bordo do navio grassou a epidemia.” Ao mencionar os nomes dos mortos vitimados pelo vírus, ressaltava que “quase todos eram da 3ª classe”. Na mesma notícia, a redação do periódico não deixou de registrar ter sido um “vacilo da Saúde Pública ter deixado atracar o *Demerara*”. *A Época*, n. 2254, 16 set. 1918, p. 2.

pelas estradas de terra que levavam aos sertões²³. De início, as autoridades brasileiras tentaram negar a situação, seguindo padrão comum nas epidemias²⁴. A estratégia dos agentes públicos, divulgada amplamente pela imprensa, era indicar que a gripe a agir no Brasil era “benigna”. A mais importante autoridade sanitária do país, Carlos Seidl, Diretor Geral de Saúde Pública, afirmava existir “cisão entre a gripe que começava a grassar no país e a outra”, apresentando “a influenza como uma doença estrangeira, que poderia ficar restrita às terras de além-mar”²⁵. O aumento brutal da contaminação e das mortes atropelou as tentativas de eufemismo, e Seidl foi demitido.

Não havia como esconder a gravidade da crise por muito tempo: entre setembro de 1918 e maio de 1919, a “bailarina” fez dançar, por conta dos calafrios da febre, as populações do Acre, Amazonas, Pernambuco, Paraíba, Maranhão, Rio Grande do Norte, Sergipe, Ceará, Alagoas, Piauí, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Mato Grosso, Goiás, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Por onde passou, a espanhola desnudou o despreparo das autoridades públicas e sanitárias; pôs em xeque as terapêuticas médicas; deu espaços aos saberes curativos tradicionais; multiplicou os charlatães; colapsou os insipientes serviços hospitalares com a falta de leitos, médicos e enfermeiros; fechou escolas, repartições públicas, comércios, indústrias e espaços de sociabilidade; gerou problemas de abastecimento, carestia e estimulou saques; levou a conflitos contra as medidas de quarentena; colocou procissões penitenciais nas ruas; despertou ações de caridade, insuficientes ante a gravidade da situação; disseminou medo e matou desbragadamente, especialmente os habitantes das áreas pobres e de higiene precária.

Pelo mar, trilhos e estradas: a gripe espanhola no Ceará

No segundo semestre de 1918, quando a gripe espanhola chegou ao Brasil, a situação sanitária do Ceará não era das melhores, com surtos registrados de malária e peste bubônica²⁶. Em um ano tomado por epidemias, a Diretoria Geral de Higiene, órgão estadual responsável pela coordenação das ações de saúde pública, não se encontrava plenamente organizada. Seu diretor, o médico Carlos Ribeiro, pouco podia fazer no combate às doenças.

²³ SILVEIRA; NASCIMENTO, op. cit., p. 298.

²⁴ ROSENBERG, op. cit., p. 280

²⁵ BERTUCCI, op. cit., p. 184.

²⁶ Em relatório apresentado à Assembleia Legislativa, o presidente estadual, João Thomé de Saboya e Silva, indicou que, desde fins de julho, casos de impaludismo, ou malária, foram registrados nos arredores de Fortaleza – Barro Vermelho, São Francisco e Mecejana – e em cidades do norte do estado, como Acaraú, Aquiraz, Camocim, Cascavel e Maranguape. No final do mesmo ano, a peste bubônica atingiu o sul do Ceará, vinda de Pernambuco.

Apenas em 8 de novembro de 1918 – quando a situação sanitária do estado se agravou por conta da gripe espanhola – é que se instituiu um novo regulamento do órgão de higiene. Segundo o presidente Saboya Silva²⁷, o Decreto Legislativo n. 1.643 continha “[...] os mais modernos preceitos, compatíveis com o nosso meio para evitar as epidemias e extinguir as endemias”²⁸.

Diante da fragilidade das autoridades e das políticas sanitárias, a espanhola começava a bailar. Os primeiros casos foram registrados em Fortaleza entre os estivadores que tinham atuado na descarga do vapor *Ceará*. O percurso do vapor começou no Rio de Janeiro, a 20 de setembro²⁹, passou pelo porto de Recife, no dia 26³⁰, e pelo de Cabedelo, Paraíba, dia 27³¹. Após escala em Natal, chegou ao porto de Fortaleza, na hoje conhecida “Ponte Metálica”, atracando a 28 de setembro. Na ocasião, além dos passageiros, desembarcou o vírus mortal³².

Antes dos primeiros casos serem oficialmente registrados no Ceará, a imprensa estadual já vinha divulgando a ação da influenza no mundo, com destaque para os casos envolvendo a Missão Médica Brasileira e os primeiros sinais da espanhola nas cidades de Recife, Salvador e Rio de Janeiro. A *Folha do Littoral*, de Camocim, a 6 de outubro, divulgou a morte de oitenta e oito brasileiros pela doença, “pertencentes à nossa divisão de guerra e à missão médica” enviada à Europa³³. Na mesma data, a *Gazeta do Cariry*, impressa em Crato, registrou mortes ocorridas no Rio de Janeiro e as internações de trabalhadores pernambucanos por “uma moléstia com sintomas de bailarina”³⁴. Já *A Lucta*, de Sobral, a 9 de outubro, transcreveu informações telegráficas datadas do dia 4 do mesmo mês dando conta da existência de mais de mil pessoas enfermas na Bahia³⁵. Duas edições depois, o jornal falava em cem mil doentes na capital pernambucana, com taxa diária de mais de cem mortes³⁶. As notícias provocaram na população fortalezense pavor e medo. Em artigo, assinado pelo

²⁷ SILVA, João Thomé de Saboya e. *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa do Ceará em 1 de julho de 1919 pelo Dr. João Thomé de Saboya e Silva, Presidente do Estado*. Fortaleza, 1919, p. 30-32

²⁸ *Ibid.*, p. 29.

²⁹ *O Paiz*, n. 12398, 20 set. 1918, p. 5.

³⁰ *Jornal de Recife*, n. 259, 26 set. 1918, p. 3.

³¹ *O Norte*, n. 3022, 27 set. 1918, p. 3.

³² De Fortaleza, o navio Ceará continua sua viagem, chegando a Belém, no Pará, em 5 de outubro. Sua ancoragem no porto paraense foi noticiada no Diário no Pará, sendo reproduzida no jornal Diário de Pernambuco: “[...] Belém, 05 [...] Entrou hoje no porto o paquete “Ceará” da Lloyd brasileiro. [...] A epidemia manifestou-se depois da saída do vapor do porto do Recife, entre os tripulantes. Foi conseguido evitar-se maior propagação. Mesmo assim, enfermaram 43 pessoas, das quais 14 enfermaram mais ou menos lisonjeiro e somente 1 caiu em estado comatoso. Esta é uma passageira de 3ª classe, embarcada já doente em Natal”. *Diário de Pernambuco*, n. 276, 7 out. 1918, p. 3.

³³ *Folha do Littoral*, n. 17, 6 out. 1918, p. 1.

³⁴ *Gazeta do Cariry*, n. 90, 6 out. 1918, p. 4.

³⁵ *A Lucta*, n. 231, 9 out. 1918, p. 3.

³⁶ *A Lucta*, n. 233, 16 out. 1918, p. 3.

médico Theodorico da Costa, no jornal *Folha do Povo*, ressalta-se: “[...] Está agora o povo da Capital a dar parte de fraqueza, apavoram-se com a bailarina, que já ultrapassou as fronteiras de nossos domínios territoriais e se acha instalada entre nós”³⁷.

Mesmo após a confirmação dos primeiros casos na capital, a imprensa cearense assumiu uma postura contraditória: ao mesmo tempo em que divulgava a gravidade da situação em outras cidades brasileiras, apresentava a gripe em Fortaleza como benévola. Num texto intitulado “A Bailarina”, a *Gazeta do Cariry* descrevia a situação da seguinte maneira: “A influenza espanhola manifestada aqui é de caráter benigno. Ainda não se deu nenhum caso fatal, havendo mais pânico do que a gravidade da epidemia, cujo sintoma é de defluxo comum”³⁸.

Em parte, o discurso sobre a benignidade da gripe no Ceará tomava questões climáticas como justificativa. Conhecida pelas altas temperaturas, a sertaneja cidade de Sobral parecia confiar mais no termômetro do que na ação das “negligentes” autoridades municipais: “se a influenza chegar até nós e resistir os 36 graus de calor à sombra da nossa cálida temperatura, estaremos perdidos, sem termos para quem apelar”³⁹.

Todavia, à medida que os números aumentavam em Fortaleza e a influenza espalhava-se pelo estado, a cobertura da imprensa interiorana mudou de tom. Não só a gripe deixava de ser apresentada sob o crivo da brandura como o governo estadual passou a ser acusado de camuflar a real situação da capital, de modo a evitar os problemas econômicos decorrentes de medidas sanitárias mais duras:

Da conversa que tivemos com pessoas ultimamente chegadas de Fortaleza, e pelos últimos telegramas, podemos afirmar que a influenza ali, não tem, absolutamente a benignidade propalada. Pode-se facilmente calcular a causa que leva o governo a impedir o alarme no interior: o enfraquecimento do comércio na capital em consequência do retraimento por parte dos habitantes do interior⁴⁰.

³⁷ *Folha do Povo* apud BARBOSA, José Policarpo de Araújo. *Origem e desenvolvimento das políticas públicas de saúde no estado do Ceará*. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1997. p. 61. Um fato sucedido no início de outubro é bastante emblemático desse pavor. No dia 10 daquele mês, aportou em Fortaleza o vapor “Pará”, que partira do Rio de Janeiro, passando também pelos portos de Salvador e Recife, lugares onde grassava a epidemia. A notícia de sua chegada ao porto cearense trazendo inúmeras pessoas infectadas pelo vírus mortal provoca pânico e medo na população que, revoltada, organiza “meetings”, distribuídos boletins, a fim de impedir o desembarque dos passageiros”. *Jornal de Recife*, n. 307, 7 nov. 1918, p. 1. O correspondente informa ainda: com o objetivo de evitar “perturbação da ordem pública, foi preciso colocar a força policial na praia”. Apesar de todos os protestos, desembarcaram em Fortaleza 56 passageiros, dos quais 12 vinham atacados pela influenza, conclui a notícia. *Jornal de Recife*, n. 307, 7 nov. 1918, p. 1.

³⁸ *Gazeta do Cariry*, n. 92, 20 out. 1918, p. 1.

³⁹ *A Lucta*, n. 233, 23 out. 1918, p. 1.

⁴⁰ *Gazeta do Cariry*, n. 95, 10 nov. 1918, p. 1.

Em relatório de 1919, o presidente do Ceará, João Thomé de Saboya e Silva descreve cenário diferente, alegando a eficiência das medidas adotadas por seu governo. Afirma ter concedido ao Dr. Carlos Ribeiro, da Diretoria Geral de Higiene, “amplos poderes para agir e não poupou despesas para reduzir o flagelo a proporções mínimas”⁴¹. Informa ainda, que, antes mesmo da confirmação de casos no Ceará, Carlos Ribeiro e Manuelito Moreira (Inspetor de Saúde do Porto de Fortaleza) adotaram medidas conjuntas e buscaram orientações da Diretoria Geral de Saúde Pública, “[...] a fim de evitar a invasão da epidemia entre nós”. Segundo o relatório, o diretor do órgão federal, Carlos Seidl, teria desvanecido “a esperança de qualquer eficácia de medidas profiláticas”⁴².

Com a expansão dos casos em Fortaleza, o governo fechou escolas e proibiu, “quanto possível, as aglomerações de pessoas”⁴³. Sete postos de assistência médica gratuita foram instalados na cidade. Entre outubro e dezembro, tempo da epidemia em Fortaleza, 8.310 doentes teriam sido socorridos nas unidades de atendimento⁴⁴. Como nem todos os doentes procuravam as enfermarias montadas pelo governo, conjecturamos ter sido o número de acometidos na cidade muito maior.

Embora não haja clareza nos números do total de infectados e mortos pela gripe espanhola no Ceará, através dos boletins da Diretoria de Higiene publicados na imprensa, é possível conjecturar que 20% da população de Fortaleza⁴⁵ foi infectada, com uma taxa de mortalidade superior a 3%. O pico da contaminação se deu no mês de novembro, saltando de 2.955 a 30 de outubro, para 13.577 no começo de dezembro, ou seja, foram 10.622 infectados no referido mês⁴⁶, correspondendo aproximadamente a 66,5% do total de casos registrados. Provavelmente, a quantidade de infectados e mortes teria sido mais elevada, levando-se em conta as várias notícias veiculadas nesse período, como no jornal *Correio da Semana*: “[...]”

⁴¹ SILVA, op. cit., p. 30.

⁴² Ao citar a suposta resposta de Seidl, o presidente do Ceará agia estrategicamente. Como relatado no tópico anterior, Carlos Seidl foi duramente criticado pelo trabalho realizado na Diretoria Geral de Saúde Pública e por ter adotado uma postura negacionista a respeito da gravidade da epidemia no Rio de Janeiro. Por causa disso, tornou-se alvo de duras críticas, sendo exonerado do cargo. BERTUCCI, op. cit., p. 189. Ao dizer que Seidl teria desestimulado as autoridades médicas cearenses a adotar medidas profiláticas, Saboya e Silva isentava seu governo de qualquer tipo de avaliação. Pari passu, aproveitava-se da má fama vivenciada pelo ex-diretor geral de saúde, colocando nele parte do ônus da crise sanitária do Ceará.

⁴³ Ibid., p. 31.

⁴⁴ Ibid.

⁴⁵ Esse número é baseado no censo demográfico realizado em 1920 segundo o qual a população de Fortaleza era de 78.536. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv6461.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2020.

⁴⁶ *Jornal de Recife*, n. 359, 30 dez. 1918, p. 1.

acredita-se, no entanto, que o número de doentes tenha sido várias vezes maior, atingindo segundo estimativa da própria Diretoria [de Higiene] 35.000 pessoas”⁴⁷.

Sobre o número de óbitos em Fortaleza, o jornalista e político cearense João Brígido, correspondente do *Jornal do Recife*, em relato datado de 24 de dezembro, informou: “[...] durante o mês passado foram inumados, no cemitério público de São João Baptista, 309 cadáveres [...]”⁴⁸. Isso nos permite conjecturar terem as vítimas fatais ultrapassado o número de 300 pessoas, se considerarmos que a notícia é referente a dezembro de 1918 e que havia, em Fortaleza, outros cemitérios além do São João Batista, como o da Parangaba, por exemplo. Desse modo, a informação dada pelo presidente do Ceará, João Thomé de Saboya e Silva, no relatório em 1919 – de que o obituário da gripe espanhola em Fortaleza teve seu pico nos dias 9 e 19 de novembro com “13 casos fatais cada”⁴⁹ –, não corresponde aos fatos observados.

A maior parte dos gripados e mortos na capital do Ceará pertencia às camadas miseráveis da sociedade. No geral, a gripe poupou os abastados, aqueles com melhores condições de alimentação, moradia e acesso aos serviços médicos e produtos farmacêuticos. A espanhola, portanto, lançava luz sobre as contradições sociais que permeavam a cidade. Ao expor a situação, Saboya e Silva não deixou de insinuar que parte dos pobres vitimados se recusavam a atender as orientações das autoridades sanitárias. O governante, assim, culpabilizava as vítimas pela própria desgraça:

[...] Entre a população que dispõe de qualquer recurso e de alguma instrução, a moléstia foi benigníssima; quase todas as vítimas (excetuando alguns indivíduos já lesados organicamente) se registraram nas classes mais pobres que habitavam palhoças e não podem ou não querem se submeter às prescrições médicas⁵⁰.

Se em Fortaleza a “bailarina” seguia com sua dança macabra e fatal, nas cidades do interior ela, igualmente, ameaçava homens e mulheres de todas as idades, cores, condição financeira. O caminho da disseminação seguiu os trilhos do progresso, nos vagões dos trens da Rede de Viação Cearense (R.V.C.). Ainda inconclusa, a ferrovia já se aproximava de seu término, cortando o sertão do Ceará. O arremate dela transcorreu em 1926 com a inauguração da estação final na cidade do Crato, na fronteira sul do Ceará, fazendo divisa com Pernambuco. Mas, em 1918, o trem já percorria a maior parte do território cearense,

⁴⁷ *Correio da Semana* apud Barbosa, op. cit., p. 62.

⁴⁸ *Jornal de Recife*, n. 13, 14 jan. 1919, p. 1.

⁴⁹ SILVA, op. cit., p. 31.

⁵⁰ Ibid. Sem revelar o computo final dos mortos e malgrado os milhares de afetados, o presidente do Ceará insistia na tese da benignidade da gripe na capital, alegando questões climáticas e pretensos méritos de sua administração: “Fosse porque as nossas condições climáticas tivessem algo de pouco favorável à gripe; fosse porque as medidas tomadas o foram em tempo, o que é fato é que, entre nós, a pandemia fez muito menos vítimas relativamente, que na maior parte das cidades brasileiras”. SILVA, op. cit., p. 31.

transportando pessoas e produtos. Naquele ano, levou uma passageira discreta e perigosa: a “bailarina”. Seu bailado dramático unia, assim, o litoral ao sertão:

Da capital a epidemia alastrou-se pelo interior ao longo da Estrada de Ferro de Baturité, até o extremo sul do Estado; daí, fez a moléstia uma dupla derivação para os lados, voltando em sentido inverso, por duas paralelas ao primeiro caminho, seguindo até o litoral⁵¹.

Os doentes que desembarcaram do trem trataram de disseminar o vírus: pelas estradas de terra, o inimigo invisível chegou nas grandes e pequenas cidade do sertão, bem como em localidades rurais distantes, onde as notícias sobre o perigo da espanhola chegavam com maior dificuldade.

Para auxiliar as paragens vitimadas, o governo lançou mão de um recurso comum no Ceará nas epidemias do século XIX: a nomeação de médicos enviados ao interior, onde esses profissionais eram raríssimos, para atuarem nas comissões de socorros⁵². Além dos “facultativos” – como eram conhecidos os formados em medicina –, o governo enviou “[...] ambulâncias para as pequenas localidades desprovidas de farmácia, e socorros em dinheiro para o tratamento dos indigentes”⁵³.

Na imprensa, desde o mês de outubro, eram publicados telegramas das cidades de Pacatuba, Sobral, Camocim, Crateús e Crato, comunicando: “[...] a gripe está atacando as populações”⁵⁴. A imprensa destacava a morte de pessoas influentes, dando notas ao falecimento de comerciantes, políticos, médicos, padres, jornalistas da capital e interior, como: o jornalista Edgard Brígido Nunes de Mello, neto de João Brígido, em Fortaleza; o coronel Luiz Braziliense de Holanda Cavalcanti, chefe político militar do partido conservador em Redenção⁵⁵; coronel Domingos Leite Furtado, liderança política de Milagres; Maria Isabel de Araújo, irmã do coronel José Lourenço de Araújo, chefe democrata em Ipu; Antônio Accioly de Sá; no Iguatu, o sr. Raimundo Laert Santos, empregado da estrada de ferro⁵⁶, entre outros.

O impacto da influenza no Ceará também inspirou obras artísticas, seguindo padrão comum a outras epidemias⁵⁷. Exemplo disso é a peça “A bailarina”, de Carlos Câmara,

⁵¹ SILVA, op. cit., p. 31.

⁵² ALEXANDRE, Jucieldo Ferreira. *Quando o anjo do extermínio se aproxima de nós: representações sobre o cólera no semanário cratense O ARARIPE (1855-1864)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010. p. 58.

⁵³ SILVA, op. cit., p. 31.

⁵⁴ *A Noite*, 28 dez. 1918, p. 4; *Jornal de Recife*, 17 nov 1918, p. 3.

⁵⁵ *Jornal do Recife*, n. 340, 10 dez. 1918, p. 1.

⁵⁶ *Jornal do Recife*, n. 317, 17 nov. 1918, p. 1.

⁵⁷ A experiência dramática das epidemias serviu de inspiração para diversos artistas, de diferentes tempos e espaço. São exemplos: *Decamerão*, de Boccaccio, escrito sobre o impacto da peste bubônica que assolou a

encenada no Grêmio Dramático Familiar de Fortaleza, no começo de 1919⁵⁸. Organizada em três atos, o *vaudeville* – gênero de teatro popular, entremeado por músicas – usava o humor para lembrar a crise epidêmica, como se tentasse exorcizar pelo riso as lembranças dolorosas da epidemia. Algo semelhante ocorreu no carnaval carioca de 1919, quando a gripe espanhola foi mote para alegres sambas: “Ao que parece, houve uma dramatização carnavalesca da situação que os vitimara. Tudo era motivo de alegria e riso”⁵⁹. Na peça de Carlos Câmara, os sintomas da doença, como os calafrios febris, eram usados para explicar o apelido “bailarina”:

PERALDIANA - Voute, cobra d'água. Qui bailarina é essa, seu Calango?
 ELISIÁRIO - A bailarina é espanhola. Veio da Europa, atravessou os mares, chegou ao Rio e tem percorrido o país inteiro de um a outro extremo, fazendo uma salseira de mil diabos. Meteu gente no buraco, p'ra burro.
 PERALDIANA - E essa balarina dança, seu Cavargânti?
 ELISIÁRIO - Dança o maxixe que é um regalo.
 FLOR - E o senhor aprendeu a dançar com ela?
 ELISIÁRIO - Claro! A dançar e a cantar. Posso fazer parte hoje de qualquer companhia lírica⁶⁰.

Sendo uma das regiões de população mais numerosa e próspera do Ceará, o Cariri, distante aproximadamente 600 km da capital, foi duramente atacado pela “bailarina”. Conforme apresentaremos a seguir, a epidemia provocou mais de mil mortes na região, segundo assentos de óbitos nos livros paroquiais, causando pânico, dor e sofrimento a milhares de sertanejos que, em sua maioria, não tinham acesso a informações, sendo pegos de surpresa pela chegada da perigosa gripe.

Um espetáculo nada bom de se ver: a “bailarina” no Cariri cearense

[...] em toda parte só se ouvia falar em morte e havia em muitas casas toda a família acometida sem ter uma pessoa que desse água aos enfermos. Quando se recebia carta vinha comunicando morte de dezenas de pessoas e parentes amigos. [...] Dom Quintino queria que o pe. Azarias saísse do Caldas⁶¹, mas como? Se todos os lugares estavam contaminados pela epidemia? Para onde?⁶².

Europa no século XIV; *Um diário do ano de peste*, de Defoe, narrando a epidemia que assolou Londres em 1665; a novela *Violação*, do cearense Rodolfo Teófilo, inspirada nas memórias do autor sobre a epidemia do cólera de 1862; e o romance *A peste*, de Camus, considerado quase como um estudo sociológico das epidemias.

⁵⁸ O *Jornal do Commercio*, de Manaus, publicou notícia sobre a apresentação do vaudeville em Fortaleza, classificando-o como um “sucesso”. *Jornal do Commercio*, n. 5312, 14 fev. 1919, p. 1.

⁵⁹ SANTOS, Ricardo Augusto dos. Representações sociais da peste e da gripe espanhola. In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO, Diana Maul de (org.). *Uma história brasileira das doenças*. Brasília, DF: Paralelo 15, 2004. p. 139.

⁶⁰ CÂMARA, Carlos. *A bailarina*. Fortaleza: Escola de Aprendizes Artífices do Ceará, 1920. p. 45.

⁶¹ Caldas é um distrito do Município de Barbalha. Fica no sopé da Chapada do Araripe, com clima ameno e conhecido pelas suas águas minerais. Desde a segunda metade do século XIX, as fontes do Caldas eram vistas como milagrosas e curativas, especialmente desde as missões do Padre Ibiapina nos anos 1860.

⁶² GOMES, Micol Sobreira apud ARAÚJO, Raimundo. *Padre Azarias Sobreira: centenário de nascimento (1894-1994)* – Antologia. Juazeiro do Norte: Edições Ipsesc, 1997. p. 81.

O texto acima é um relato memorialístico de Micol Sobreira Gomes, irmã de um importante sacerdote do Ceará, o padre Azarias Sobreira. Escrito em homenagem ao centenário do irmão, a autora narra o medo e o drama vividos no contexto da gripe espanhola, ao expor a dificuldade do então jovem sacerdote em atender pedido do bispo do Crato para que se retirasse da zona rural de Barbalha. O motivo da tensão era: não havia escapatória segura, pois todo o Cariri estava sofrendo com a epidemia. Assim, o já adoentado padre Azarias teve de vencer a “bailarina”. Os efeitos da doença ficaram gravados na memória do sacerdote. Já bastante idoso, nos anos 1970, narrou ao juazeirense Renato Casemiro⁶³ suas lembranças:

Numa das conversas que eu tive com o padre Azarias ele mencionou isso. Ele teve a bailarina. Era assim que ele dizia assim mesmo [...] Mas me ocorreu agora a lembrança, dessa conversa muito prazerosa que eu tive. O padre Azarias mencionou exatamente o apelido que foi dado a isso aí, porque era uma gripe que, dentre os seus sintomas, havia uns calafrios, assim, muito intensos e o resultado é que as pessoas não se aguentava em pé e começavam a tremer, e aquilo dava a impressão que era uma dança, era uma coreografia, né? Daí veio a história de que as pessoas estavam com uma postura de bailarino, não é?, dançante. Mas não era. Era o tremor no corpo dado aos calafrios da febre intensa e tal. Ele foi um dos acometidos⁶⁴.

As memórias sobre as experiências do padre Azarias no ano de 1918 são indícios do impacto da epidemia na vida dos caririenses que a vivenciaram. Localizado ao sul do Ceará, o Cariri foi palco de importantes eventos históricos, culturais, políticos e, sobretudo, religiosos e é, reconhecidamente, uma das mais importantes regiões do estado. Sua localização geográfica privilegiada – com a chapada do Araripe, maior regime de chuvas, fronteiras com Paraíba, Pernambuco e Piauí e a equidistância em relações a capitais, como Fortaleza e Recife – é comumente indicada como um dos fatores de seu desenvolvimento desde os tempos coloniais.

A natureza diferenciada, com os regatos de águas nos sopés da chapada, faz a região ser comumente representada como uma espécie de “oásis” em meio ao sertão tórrido. Desta forma, viajantes como George Gardner, em 1838, e Freire Alemão, em 1859, mostraram-se espantados com as particularidades naturais do vale. Para Gardner, era “impossível descrever o deleite” sentido “ao entrar neste distrito, comparativamente rico e risonho, depois de marchar mais de trezentas milhas através de uma região que naquela

⁶³ Embora tenha formação em Química, Casemiro, ao longo dos anos, tem se dedicado a construir, junto com Daniel Walker, um importante acervo sobre a história do Juazeiro do Norte, dedicando-se a estudos e pesquisas que promovem a preservação da memória histórica da referida cidade.

⁶⁴ CASEMIRO, Renato. *Depoimento*. Gravado em 24 jun. 2020. Duração: 10m10s. Agradecemos a Renato Casimiro pelo depoimento dado.

estação era pouco melhor que um deserto”⁶⁵. Já Freire Alemão, afirmou que a chapada produzia um “bonito panorama”: “toda vestida de vigorosa vegetação e formando contraste com o aspecto do sertão”⁶⁶.

Se na maior parte do sertão cearense a pecuária era a principal atividade econômica, o Cariri era área agrícola mais desenvolvida, abastecendo, nos séculos XVIII e XIX, os sertões circunvizinhos do Ceará, Piauí, Pernambuco e Paraíba com rapadura, farinha e gêneros agrícolas de primeira necessidade. Todavia, não obstante a riqueza natural e as atividades econômicas, o Cariri também era marcado pela desigualdade social. Darlan de Oliveira Reis Júnior demonstrou como as descrições da região como “celeiro” do sertão, no oitocentos, escondiam aspectos sociais contraditórios da economia local, como a concentração de terras nas mãos de uma classe senhorial e a exploração de trabalhadores, escravizados e livres, geralmente detratados como “indolentes”: “Da apropriação injusta dos recursos naturais e da autoimagem de bondade civilizada, os senhores estigmatizaram os mais pobres”⁶⁷.

Entre fim do século XIX e início do XX, a região passou por considerável crescimento populacional e econômico, muito em decorrência do movimento migratório promovido pelo fenômeno religioso de Juazeiro⁶⁸. Assim, na ocasião da chegada da gripe espanhola, em 1918, a região do Cariri era formada por 19 municípios, com uma população de 247.347⁶⁹ habitantes.

Uma das áreas mais populosas do Ceará, contudo, o fato de ser a mais distante da capital, longe, portanto, do centro administrativo do Estado, fez com que o Cariri tivesse maiores dificuldades no acesso aos benefícios estatais, sobretudo nas áreas sensíveis, como educação e saúde. Ao mesmo tempo, a amplitude de suas fronteiras, especialmente com o

⁶⁵ GARDNER, George. *Viagem ao interior do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975. p. 92.

⁶⁶ ALEMÃO, Francisco Freire. *Diário de viagem de Francisco Freire Alemão*: Fortaleza-Crato (1859). Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2006. p. 234.

⁶⁷ REIS JÚNIOR, Darlan de Oliveira. A história vista de baixo: terra, trabalho e conflito no século XIX. In: SILVA, Amanda Teixeira da (org.). *Novas histórias do Cariri*. Curitiba: Editora CRV, 2019. v. 1. p. 35.

⁶⁸ Em 1889, uma beata conhecida como Maria de Araújo recebeu a hóstia consagrada das mãos do padre Cícero Romão Batista, após vigília realizada na capela do então povoado do “Joaseiro”, termo do Crato. Na ocasião, a hóstia se transformou em sangue. O fenômeno ficou conhecido como “milagre de Juazeiro” e deu início a uma das maiores polêmicas religiosas da Igreja Católica cearense, transformando de forma indelével o contexto regional, ao transmutar o lugarejo em espaço de peregrinação e, em poucas décadas, no maior centro urbano do sertão cearense. Para saber mais ver: DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joaseiro*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014; BARROS, Luitgarde. *A terra da Mãe de Deus*. 3. ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2014. p. 135; PINHO, Maria de Fátima Morais. *Padre Cícero: anjo ou demônio: teias de notícias e ressignificações do acontecimento padre Cícero (1870-1915)*. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/2173.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2020.

⁶⁹ Esse número consta no censo demográfico realizado em 1920, posterior à epidemia da gripe espanhola, porém, como não foi realizado o censo de 1910 é o número mais aproximado da realidade demográfica do Cariri, na época. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv6461.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2020.

sertão de Pernambuco, aumentava os riscos de contaminação durante as manifestações epidêmicas.

Se no contexto da epidemia da gripe espanhola, na capital do Estado a situação sanitária era precária e frágil, conforme discutido anteriormente, no Cariri a conjuntura era alarmante. Não existia, na região, nenhum hospital público ou particular que pudesse atender a população em casos mais graves. A primeira iniciativa pública na área de saúde no Cariri, segundo Irineu Pinheiro⁷⁰, é a instalação, em 1º de novembro de 1921, do Posto de Profilaxia Rural Justiniano Serpa, na cidade do Crato. Sabe-se, também, através de anúncios feitos na imprensa local, da existência de pequenas clínicas particulares e alguns consultórios.

Em algumas poucas cidades havia as chamadas “Casas de Caridade”⁷¹, criadas no século XIX pelo Pe. Ibiapina e que serviam, entre outras coisas, como unidade de atendimento hospitalar aos pobres, porém, com pouca capacidade de internação. Somente em dezembro de 1936 foi inaugurado, na cidade do Crato, o Hospital São Francisco de Assis (HSFA), o primeiro da região⁷². A iniciativa coube ao então bispo da Diocese do Crato, Dom Francisco de Assis Pires. Apesar de ser uma instituição privada, o hospital tinha caráter filantrópico. Portanto, não havia serviços hospitalares disponíveis aos caririenses apossados pela “bailarina” de 1918.

Outro aspecto importante acerca da sociedade carirense nesse período é o elevado nível de analfabetismo. Somando os dados apresentados no censo demográfico brasileiro de 1920⁷³, dos 19 municípios que compunham o território, apenas 15% da população sabia ler e escrever, ou seja, 36.971, em detrimento de 210.088 não alfabetizados.

Num cenário no qual os meios de informação eram bastante escassos, as notícias circulavam na região através de poucos jornais impressos, das missas e dos cordéis, daí se disseminando pelo boca a boca. Mesmo o sistema de telégrafo permanecia distante para a maioria das localidades caririenses, especialmente nas zonas rurais. Desta forma, é possível imaginar que a grande maioria da sociedade não sabia o que era a epidemia da gripe espanhola, como contraí-la, evitá-la, tratá-la etc.

Nesse sentido, a “bailarina”, ao chegar ao Cariri, encontrou um ambiente propício para desenvolver sua dança fúnebre, espalhando a morte em todos os municípios, cidades e sítios, entre ricos e pobres, mulheres, homens, crianças, adultos e velhos. Nos livros de óbito

⁷⁰ PINHEIRO, Irineu. *Efemérides do Cariri*. Fortaleza: Edições UFC, 2010. p. 209.

⁷¹ Pe. Ibiapina foi um missionário que, no século XIX, organizou missões, construiu capelas, igrejas, açudes, cacimbas, poços, cemitérios, hospitais e fundou mais de vinte Casas de Caridade para moças órfãs carentes.

⁷² PINHEIRO, op. cit., p. 219.

⁷³ Cf.: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv31687.pdf>, p. 536-559. Acesso em: 15 jul. 2020.

pertencentes às paróquias da Diocese do Crato, publicados no site familysearch.org⁷⁴, foi possível identificar mais de mil mortes causadas pela gripe espanhola.

Entre os meses de outubro de 1918 e maio de 1919, o vírus mortal “dançou e rolou” no Cariri causando dor e sofrimento, levando a população a derramar “lágrimas de sangue” com o número elevado de mortes causadas pelo vírus. Abaixo, apresentamos uma tabela com a população dos municípios, o número de mortos e a referência dos livros de óbito:

Tabela 1: Mortes por influenza no Cariri

MUNICÍPIO	POPULAÇÃO	ÓBITOS	FONTE
Crato	29.774	16	Não há livros de óbito desse período; o número de óbitos foi identificado através da imprensa local.
Milagres (Mauriti)	23.360	177	LIVRO DE ÓBITO – 1916, nov.; 1927, fev.
Juazeiro	22.067	39	LIVRO DE ÓBITO – 1917, jan.; 1921, jun.
Barbalha	19.900	143	LIVRO DE ÓBITO – 1913, abr.; 1919, abr.
Lavras da Mangabeira	17.360	74	LIVRO DE ÓBITO – 1918, ago.; 1924, mai.
Missão Velha	16.452	16	Não foi identificado o livro de óbito desse período; os registros foram feitos no livro da paróquia de Barbalha.
Santana do Cariri	14.159	-	Não foi identificado o livro de óbito desse período
Várzea Alegre	13.350	-	Não foi identificado o livro de óbito desse período
Jardim	13.000	198	LIVRO DE ÓBITO – 1916, nov.; 1927, fev.
Aurora	12.453	-	Não foi identificado o livro de óbito desse período
Caririaçu (S. Pedro)	9.845	43	LIVRO DE ÓBITO – 1913, mai.; 1929, fev.
Araripe	9.288	55	LIVRO ÓBITO – 1908, Set-1930, Jan
Campos Sales	9.142	13	Registros encontrados no livro da paróquia de Araripe
Assaré	8.372	49	LIVRO DE ÓBITO – 1918, out.; 1922, nov. LIVRO DE ÓBITO – 1918, fev.; 1928, set.
Brejo Santo	5.617	176	LIVRO DE ÓBITO – 1913, jan.; 1918, dez.
Umari	6.593	47	LIVRO DE ÓBITO – 1908, fev.; 1919, ago.
Porteiras	6.180	07	Registros encontrados no livro de óbitos da paróquia de Brejo Santo (Barbalha)
Farias Brito (Quixará)	5.147	25	Registros encontrados no livro de óbitos da paróquia de Assaré – 1918, fev.; 1928, set.
TOTAL	242.059	1.078	

Fonte: Tabela elaborada a partir dos registros nos livros de óbitos e publicações na imprensa.

⁷⁴ Parte dos livros sacramentais da Diocese do Crato – sob a guarda do Departamento Histórico Diocesano padre Antônio Gomes (DHDPG) – foram digitalizados pelo FamilySearch em 2001, com a aprovação do bispo diocesano de então, Dom Fernando Panico, e estão disponíveis em seu site: https://www.familysearch.org/wiki/pt/Brasil_Registros_geneal%C3%B3gicos_online. Acesso em: 20 jul. 2020.

Sobre os livros de óbito, é importante ressaltar que nesse período, a Diocese do Crato – com jurisdição no Cariri – se constituía por 15 paróquias. Porteiros, Farias Brito (Quixará) e Campos Sales, presentes na tabela, embora já tivessem sido elevadas à categoria de município, não dispunham de paróquias próprias. Portanto, os registros eram feitos nas paróquias às quais estavam agregadas. É válido destacar também: mesmo com a laicização do Estado promovido pela República, em 1889, os registros de óbitos e cemitérios do Cariri permaneceram ligados à Igreja, o que explica a importância das fontes paroquiais neste artigo.

Outro esclarecimento necessário diz respeito à pesquisa em si, realizada totalmente de forma remota, ou seja, através da internet. Infelizmente, não foram encontrados os livros de 5 paróquias, quais sejam: Crato, Missão Velha, Aurora, Santana do Cariri e Várzea Alegre. Os poucos registros de Missão Velha e Crato – duas das mais antigas e maiores cidades da região –, que constam na tabela, foram identificados no livro de óbitos da paróquia de Santo Antônio (Barbalha) e por meio de notícias de jornal cratense (*Gazeta do Cariry*), respectivamente. Portanto, os 1.078 óbitos não correspondem ao total de vítimas no Cariri, que deve ter sido muito maior. Entretanto, é um dado importante na análise do impacto da epidemia na região como um todo.

Conforme já discutido até aqui, o vírus influenza chegou ao Ceará no final de setembro de 1918. No Cariri, o primeiro registro de morte sucedeu em 8 de outubro na cidade de Lavras da Mangabeira. A primeira vítima foi Victoriano, uma criança de 4 anos de idade⁷⁵.

Através das fontes que consultamos, é possível afirmar: a gripe espanhola chegou ao Cariri por duas entradas cronológicas e geograficamente distintas: a primeira, trazida pela linha Sul da Rede Viação Cearense (R.V.C.) que partia da estação de Fortaleza, passava por Baturité, Quixadá, Quixeramobim e Iguatu⁷⁶, finalizando sua viagem em Cedro, distrito pertencente ao município de Várzea Alegre, contudo, mantendo maior proximidade com a cidade de Lavras da Mangabeira, onde ocorreu a morte do menino Victoriano.

A outra entrada do vírus deu-se através da fronteira do Cariri com cidades de Pernambuco, como Salgueiro e Cedro, entre fins de novembro e começo de dezembro de 1918⁷⁷. Foi o caso da cidade caririense de Jardim. É oportuno sublinhar ter, nos meses de julho e agosto de 1918, esta última cidade sofrido um surto epidêmico da “peste bubônica”,

⁷⁵ Livro de óbito de Lavras da Mangabeira - ago. 1918/maio 1924. Disponível em: https://www.familysearch.org/wiki/pt/Brasil_Registros_geneal%C3%B3gicos_online. Acesso em: 20 jul. 2020.

⁷⁶ São citadas aqui apenas as principais estações.

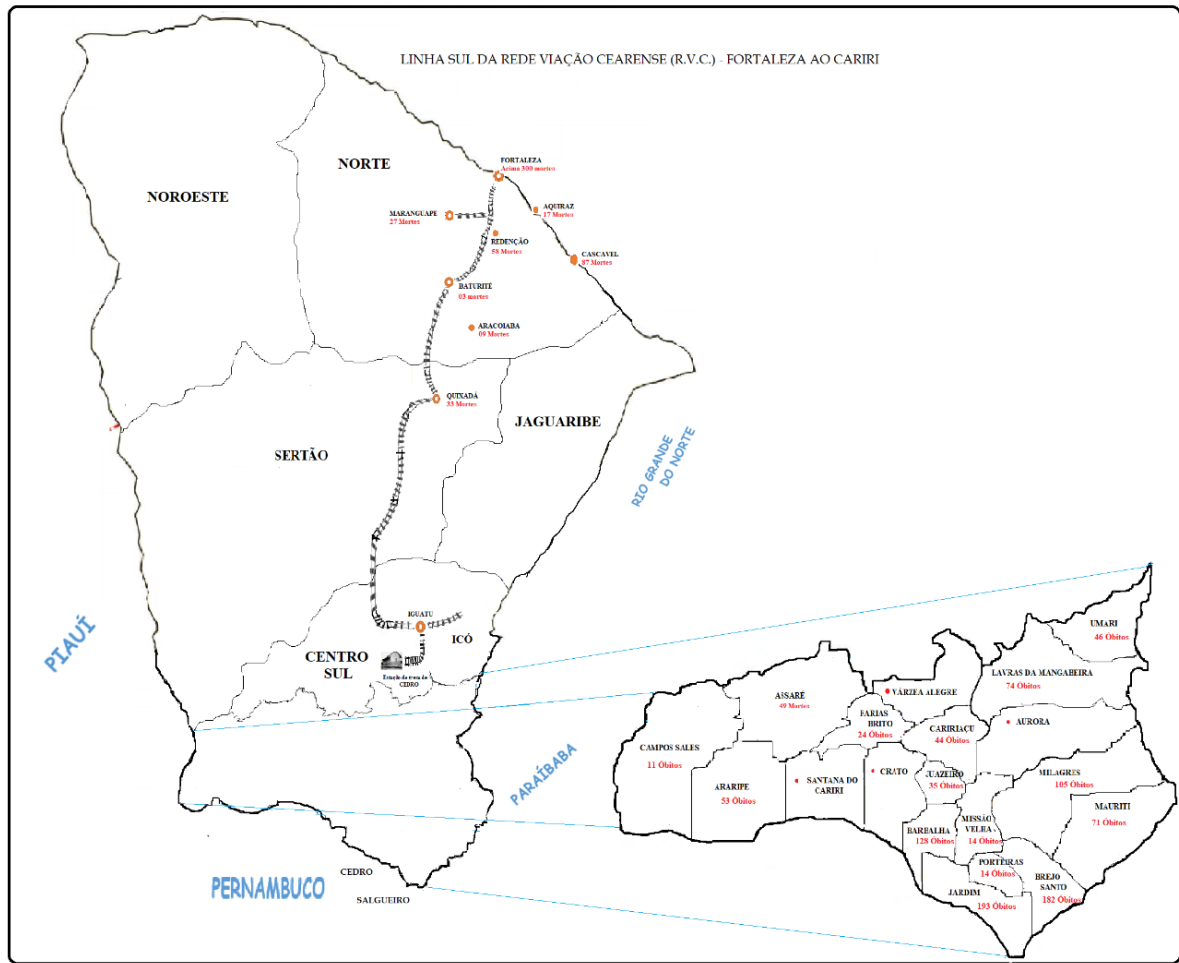
⁷⁷ Desde o mês de outubro a imprensa de Pernambuco já denunciava o alastramento da gripe espanhola nas cidades do interior. A situação ficou pior no fim do ano: “[...] Salgueiro e demais municípios, cidades, vilas, agrupamentos, todos os pontos adjacentes, [...] foram atingidos pela epidemia. *Pequeno Jornal*, 31 dez.1918, p. 1.

conforme noticiado pelo *Diário do Ceará*, publicado na capital cearense e transcrito no vespertino *Jornal do Recife*: “[...] acha-se alarmada a população do Cariri de terrível epidemia, [...] apresentando todos os caracteres da peste bubônica”. Na mesma matéria, acrescenta: “[...] a epidemia vem do interior de Pernambuco - de Garanhuns via Salgueiro. Desta última cidade, ela foi transportada para o Jardim por doentes que vieram morrer ali”⁷⁸. Já em novembro, Jardim viu-se mais uma vez ameaçada por seus vizinhos, contaminados pela influenza. O *Jornal do Commercio*, de Manaus, noticiou a situação de cerco à cidade cearense, onde, além da gripe espanhola, novos casos suspeitos de peste bubônica surgiam, levando à “queima” de algumas casas em sítios, no intuito de fazer “rigorosa desinfecção”⁷⁹. Portanto, a fronteira do Ceará/Pernambuco foi fonte de apreensão em 1918, devido à peste e à espanhola.

No mapa a seguir, é possível visualizar melhor as duas entradas do vírus da espanhola no Cariri. Nele é representado o percurso do trem de Fortaleza com destino a Cedro, assim como indica as fronteiras nas cidades do sul carirense:

⁷⁸ *Jornal de Recife*, n. 249, 10 set. 1918, p. 3.

⁷⁹ *Jornal do Commercio*, n. 5229, 19 nov. 1918, p. 1.

Mapa 1: Rota de contaminação e incidência da gripe espanhola no Cariri

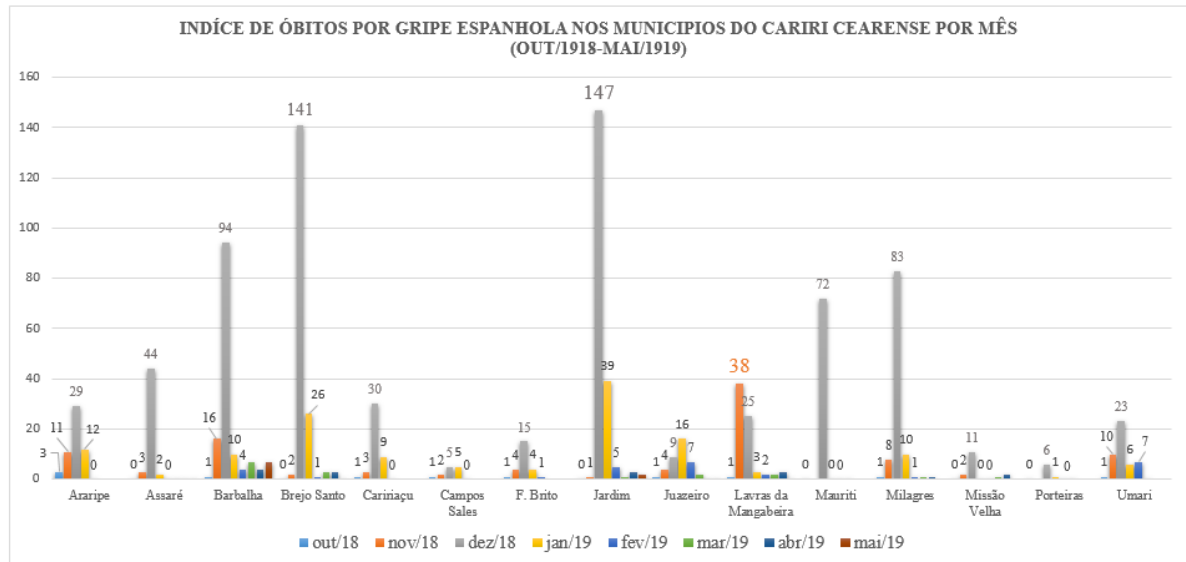
Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos registros encontrados nos livros de óbito. Destaque para a região do Cariri.

O mapa destaca os extremos norte e sul da região, ou seja: 1) as cidades mais próximas da última estação de trem da linha sul do Ceará, Lavras da Mangabeira e Umari, onde se deram os primeiros casos registrados, no início de outubro; 2) as cidades de Jardim e Brejo Santo, contaminadas pela fronteira com Pernambuco, as quais tiveram a maior incidência de óbitos causados pela gripe espanhola na região, com 198 e 176 óbitos no mês de dezembro, respectivamente.

A disseminação do vírus influenza no Cariri ocorreu, portanto, inicialmente, a partir de Lavras da Mangabeira, conforme já informado, a cidade mais próxima da estação de trem de Cedro-CE. Lavras concentrou o maior índice de mortes no mês de novembro, num total de 38, mais que o dobro dos demais municípios caririenses naquele período. Convém salientar: a cidade é o portal de entrada do Cariri cearense, posto que através dela se chegava mais rapidamente a outras cidades do Cariri com Barbalha, Crato e Juazeiro, as maiores aglomerações populacionais da região. A constatação pode ser melhor compreendida no

gráfico a seguir, com o índice de óbitos nos municípios do Cariri nos meses de outubro de 1918 a maio de 1919:

Gráfico 1: Índice de óbitos



Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos livros de óbitos das paróquias da Diocese do Crato.

O gráfico demonstra o maior índice de mortes registradas no mês de novembro em Lavras da Mangabeira, além dos números relacionados aos municípios de Jardim e Brejo Santo, e suas vizinhas Milagres e Mauriti, com quase nenhum caso registrado em novembro, mas com pico elevado em dezembro, o que demonstra a rápida contaminação nas cidades fronteiriças a Pernambuco.

Duas outras observações devem ser destacadas quanto ao gráfico: 1) Embora fosse, já nesse período, a terceira mais populosa do Cariri e, reconhecidamente, a que mais recebia visitantes por ocasião da devoção ao padre Cícero, Juazeiro foi uma das localidades que apresentou o menor índice de mortes – 39 óbitos –, representando apenas 4% do total, com uma taxa de mortalidade de 1,7; 2) Apesar de não termos encontrado o livro de óbitos do Crato daquele período, maior cidade da região à época, através das notícias publicadas na imprensa, é possível afirmar que a população não ficou imune ao vírus mortal. Sobre isso, o jornal carioca *Correio da Manhã* publicou um telegrama de Fortaleza: “[...] a epidemia de ‘influenza espanhola’ continua a fazer vítimas nas cidades de Crato, Crateús, Pedra Branca e outros pontos do interior”⁸⁰.

No entanto, é o jornal local, *Gazeta do Cariry*, publicado desde 1917, que oferece maior dimensão do impacto da epidemia na cidade do Crato. Desde o final de setembro de

⁸⁰ *Correio da Manhã*, 26 dez. 1918, p. 4.

1918 o jornal cratense publicava telegramas enviados do Rio de Janeiro e Fortaleza, informando a ocorrência de algumas mortes e infectados. Em 20 de outubro, dedica seu editorial à epidemia com o título “A influenza espanhola”, fazendo um resumo do que se trata e de como ela está se manifestando no Brasil e na capital, chamando atenção para sua prevenção. O editorial é concluído com um alerta: “[...] aconselhamos, pois, que para evitar a contaminação, cada um se cerque dos meios profiláticos aconselhados”⁸¹.

A edição seguinte, novo editorial – intitulado “Ainda a ‘Bailarina’: precauções a tomar em caso desta zona ser atacada pela epidemia”, assinado pelo redator do jornal, o médico José Furtado Filho – trazia uma série de conselhos sobre o perigo e as maneiras de se prevenir⁸². A partir daí, passa a publicar com mais assiduidade matérias relacionadas aos efeitos da epidemia, sobretudo, na capital cearense. A 24 de novembro, em mais um editorial – “A porta está aberta: As sentinelas dormem” –, denuncia a falta de atitude do prefeito municipal, Teodorico Teles, de quem o jornal era opositor, quanto à urgência de tomar medidas preventivas para evitar a chegada da gripe espanhola ao Crato:

Quando a gripe começa a entrar em franco declínio nas capitais [...] e foge para o interior como um animal perseguido que procura um abrigo, é com maior pesar que verificamos a inação completa das autoridades. No Crato, onde a epidemia já montou suas tendas e morte, por seu intermédio, já arrebatou vidas preciosas, a ação da prefeitura tem sido igual a zero⁸³.

Considerando o volume de matérias veiculadas e o editorial supracitado, infere-se o espetáculo funesto da “bailarina” em Crato, pondo para dançar com sua febre alta e calafrios, a população, levando-a à exaustão e conseqüente morte. No final de dezembro, a *Gazeta do Cariry* publica um artigo intitulado “Registro Doloroso” no qual declina nomes de pessoas ilustres, entre elas, professores, comerciantes e políticos da sociedade que faleceram ao longo do mês vitimados pela gripe espanhola. Na mesma edição, faz uma denúncia sobre a falta de material de trabalho no cemitério local:

[...] num tempo como o que atravessamos, em que o obituário subiu à média de 8 finados, não é plausível que fiquem como cotidianamente vem acontecendo, os cadáveres sobre a terra até 8 e 10 horas da noite, a espera de que chegue o momento de serem enterrados um após o outro, sucessivamente, enquanto à disputa pelos respectivos condutores, a velha ferramenta da prefeitura, uma pá e um cavador⁸⁴.

⁸¹ *Gazeta do Cariry*, n. 92, 20 out.1918, p. 1.

⁸² *Gazeta do Cariry*, n. 93, 27 out.1918, p. 1.

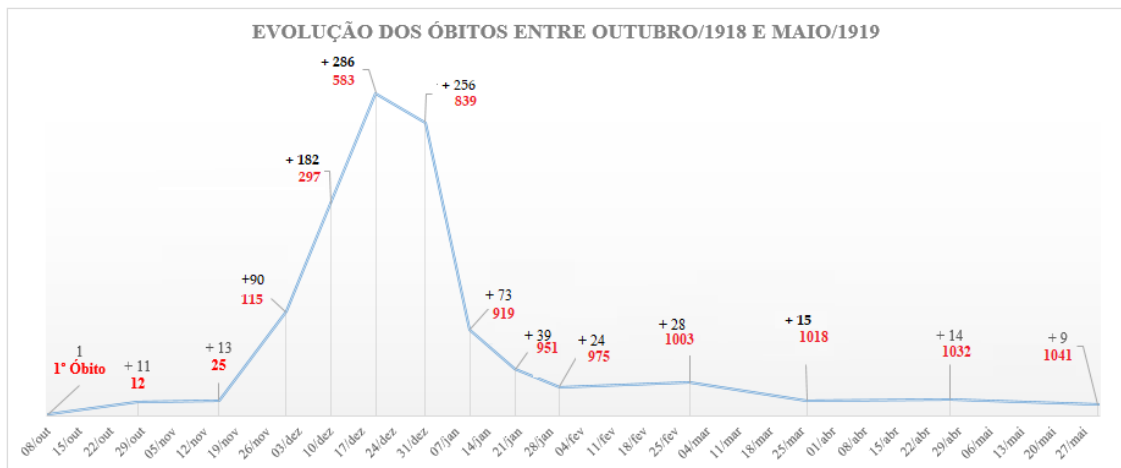
⁸³ *Gazeta do Cariry*, n. 97, 24 nov. 1918, p. 1.

⁸⁴ *Gazeta do Cariry*, n. 98, 24 dez. 1918, p. 92.

A notícia explicita, portanto, a saturação da capacidade de enterramento no cemitério cratense, indiciando o alto índice de contaminação e letalidade na localidade. Aliás, cemitérios colapsaram em diversos lugares brasileiros atingidos pela gripe espanhola: faltaram coveiros para a abertura das sepulturas e realização das inumações. Valas comuns foram abertas massivamente⁸⁵. No Crato, assim como nos demais municípios do Cariri, a população sofreu e chorou por seus familiares que, sem acesso à assistência pública de saúde, tornaram-se presas fáceis da famigerada gripe espanhola.

Se o pico da epidemia em Fortaleza sucedeu em outubro e novembro, considerando as notícias da imprensa, no sertão do Cariri o auge da crise se deu em dezembro, de acordo com o que é demonstrado no gráfico⁸⁶ a seguir:

Gráfico 2: Evolução dos óbitos.



Fonte: Gráfico elaborado pelos autores a partir dos livros de óbitos das paróquias da Diocese do Crato.

O maior volume de mortes, conforme se vê, ocorreu nos meses de novembro e dezembro/1918 e janeiro/1919, representando 92% do total de óbitos. Dezembro concentrou o maior índice, com 724, aproximadamente 70%, configurando-se como o mês no qual se atingiu o platô da epidemia. Mesmo com um alto índice de mortes, em janeiro de 1919 a curva começa a declinar, contabilizando, nos 4 meses seguintes (fevereiro a maio) menos de 100 óbitos. Nesse tocante, vale atentar para o fato de que, embora a imprensa propague no

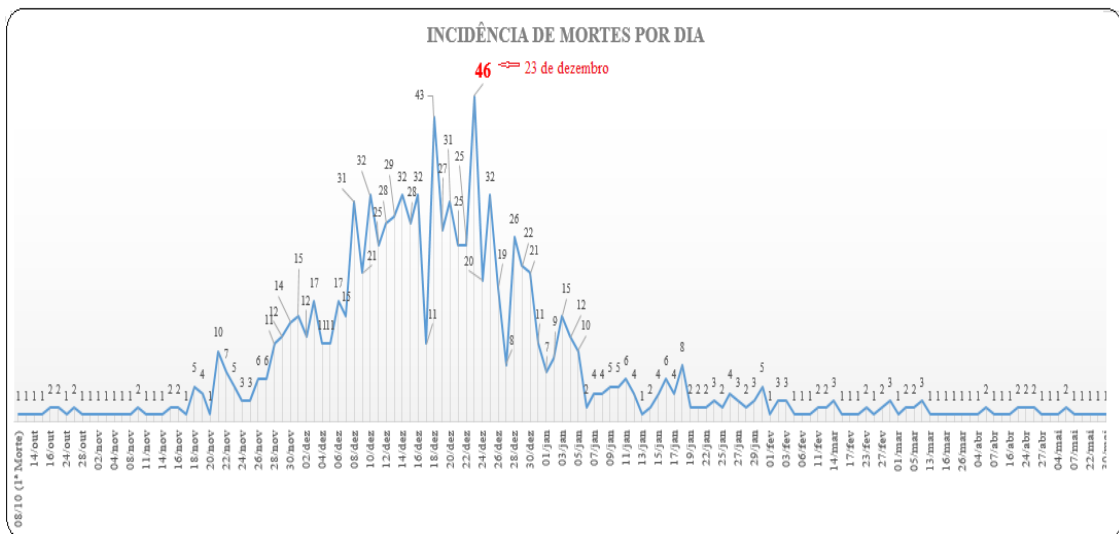
⁸⁵ Os relatos sobre a crise no Rio de Janeiro davam conta de corpos abandonados pelas ruas, sendo recolhidos nas carroças utilizadas pelo serviço de limpeza pública. Em meio à dificuldade de contratar coveiros, presos foram colocados na função. A pressa em se livrar dos cadáveres teria levado a cenas dramáticas: “Conta-se que quando os carroceiros descobriam alguém dado como morto e ainda vivo, acabavam de matá-lo com as pás”. SANTOS, op. cit., p. 135.

⁸⁶ Esclarecemos que os números apresentados nos gráficos a seguir, dizem respeito apenas aos óbitos registrados nos livros sacramentais, por isso, o total é inferior ao que consta na Tabela 1 apresentada anteriormente.

começo de 1919 que a epidemia estava extinta em todo o Estado do Ceará, encontram-se registros de casos de óbito por gripe espanhola durante praticamente o ano inteiro, tanto no que tange ao Cariri quanto a outros municípios, como Maranguape, que registrou mortes até outubro de 1919⁸⁷.

A trágica mortalidade na população caririense, registrada no mês de dezembro, pode ser melhor verificada se se observar o gráfico de óbitos ocorridos por dia:

Gráfico 3: Incidência de morte por dia.



Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos livros de óbitos das paróquias da Diocese do Crato.

Entre os dias 18 e 28 de dezembro, os sepultamentos nos municípios do Cariri ultrapassaram 20 casos por dia, chegando a 46 no dia 23, conforme destacado no gráfico. A média de inumações durante a crise sanitária foi de 23 ocorrências por dia, na região. Apenas para demonstrar o impacto da mortalidade pela gripe espanhola no Cariri, destacamos algumas localidades como o Sítio São Félix, no município de Brejo Santo. Ali, foram realizados 25 sepultamentos em dias consecutivos, tendo ocasião de haver até 5 enterros diários. No sítio Farias, em Barbalha, foram 17 mortes. Localizada ao lado deste sítio, a localidade do Arajara recorreu a Deus na busca de proteção contra a epidemia: ergueu um cruzeiro na chapada do Araripe, rogando pela misericórdia divina⁸⁸; no Sítio Pajéu, em

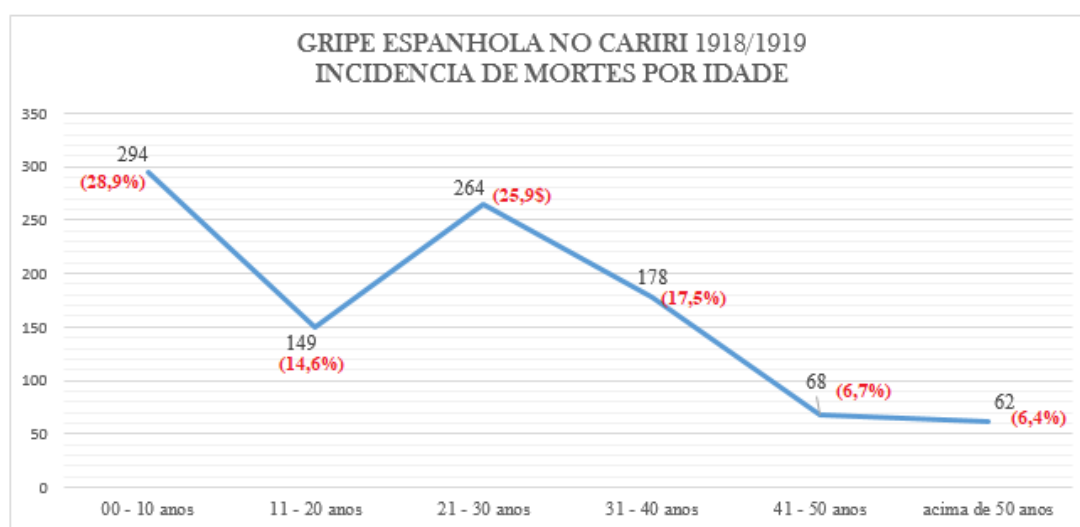
⁸⁷Livro de óbito de Maranguape - maio 1916/out. 1924. Disponível em: https://www.familysearch.org/wiki/pt/Brasil_Registros_geneal%C3%B3gicos_online. Acesso em: 20 jul. 2020.

⁸⁸ Informações sobre o cruzeiro do Arajara estão presentes na matéria da TV Verdes Mares do Cariri. Disponível em: <http://g1.globo.com/ceara/videos/t/todos-os-videos/v/100-anos-de-cruzeiro-que-simboliza-vitoria-sobre-gripe-espanhola-em-comunidade-de-barbalh/6978552/>. Acesso em: 2 ago. 2020.

Araripe, houve 13 mortes. Os mortos, em muitos casos, eram 4 a 5 pessoas da mesma família, indiciando o impacto da crise nas comunidades.

Outro dado importante para analisar o impacto causado pela gripe espanhola no Cariri é a idade de suas vítimas. Para ilustrar com mais precisão trazemos outro gráfico, agora com o percentual do intervalo de idade daqueles que não resistiram à influenza:

Gráfico 4: Incidência de mortes por idade.



Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados colhidos nos livros de óbito⁸⁹.

A análise revela que as maiores vítimas da gripe espanhola no Cariri tinham idade inferior a 30 anos, com um grande percentual de crianças. Os índices de vítimas com idade entre 21 e 40 anos, quando somados representam em torno de 35% do total de mortes. Os estudos sobre a gripe espanhola demonstram que esta é uma característica daquela pandemia, ou seja, atingiu a juventude com maior intensidade. Segundo imunologistas e virologistas, nesse período as pessoas mais jovens tinham sistema imunológico um tanto vulnerável, posto que ainda não haviam tido contato com nenhum vírus similar à influenza⁹⁰. Esta é outra face cruel da “bailarina”, pois conduziu para o vale da morte uma população que se encontrava no vigor de sua potencialidade física e produtiva, uma faixa etária economicamente ativa.

⁸⁹ Em alguns registros de óbito não são informados a idade do falecido, por isso, os números apresentados no gráfico são menores que o total geral.

⁹⁰ IAMARINO, op. cit.

Considerações finais

A gripe espanhola foi a mais violenta e cruel pandemia mundial até os dias de hoje, provocando milhões de mortes e espalhando o terror em uma sociedade ainda carente de conhecimento científico e de meios de comunicação eficazes.

A despeito das dissertações, teses e pesquisas diversas realizadas acerca da gripe espanhola no Brasil, não existe ainda um estudo aprofundado e sistemático da epidemia no Ceará. Apenas é brevemente citada em capítulos de trabalhos acadêmicos – na maioria das vezes tratando de Fortaleza – e pouco se estudou sobre o desenvolvimento e consequências sociais, econômicas e morais da epidemia para a sociedade cearense, sobretudo, no sertão.

Mesmo os estudos sobre a gripe espanhola no Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Pernambuco, Amazonas e outros estados, são focados nas capitais, pouco se conhecendo como ela se desenvolveu nas pequenas cidades, nos lugares mais distantes. Neste artigo, discutimos como a pandemia chegou ao sul do Ceará, nos municípios do Cariri cearense, causando mais de mil mortes.

A “bailarina” cruzou o oceano atlântico a bordo do navio *Demerara* e estreou seu espetáculo macabro no Brasil fazendo dançar, num ritmo frenético e alucinado, homens e mulheres das grandes cidades do país. Chegou, também, de forma implacável aos rincões do sertão, levando a morte para pessoas simples, as quais não tiveram tempo, sequer, de entender o que estava acontecendo.

Foram dias de terror, medo e choro que deixaram marcas indeléveis na sociedade, assinalando a memória do século XX. Olhar para a espanhola ajuda a entender aspectos dos dias atuais, também marcado por incertezas e pela ameaça da morte devido à Covid-19. Enquanto escrevemos este trabalho, o Cariri cearense apresenta alto índice de contaminação por coronavírus no Ceará.

Especificidades e similaridades podem ser identificadas na comparação das duas pandemias e o espaço deste artigo não seria suficiente para aprofundar a contento as comparações. Todavia, é possível apreender na crise sanitária do Cariri de 1918 diversos elementos úteis e esclarecedores. Assim, o artigo cumpre o papel central do ofício do historiador: pensar os problemas do presente à luz das experiências humanas no tempo.